

DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E FECUNDIDADE*Rubens Vaz da Costa*

O rápido crescimento populacional, que caracteriza o período de trinta anos de após guerra, vem provocando amplo debate sobre o futuro da humanidade e, de maneira especial, sobre as perspectivas de desenvolvimento econômico dos países menos desenvolvidos. Muitas vozes se levantam para expor os problemas decorrentes da "explosão do consumo" nos países industrializados, especialmente a ameaça de diminuição da disponibilidade de matérias-primas, da exaustão de alimentos, energia etc., bem como a contaminação do ambiente, urbanização acelerada e diminuição da qualidade da vida em geral.

Nos países desenvolvidos tais preocupações têm produzido resultados práticos tangíveis no que se refere à adoção de políticas visando reduzir a fecundidade, bem como a conservar os recursos naturais e proteger o ambiente. Talvez mais importantes do que medidas imediatas sejam os centros de estudos e pesquisas e os cursos sobre problemas relacionados com a redução de fecundidade, que estão sendo estabelecidos em muitas universidades dos países industrializados.

Nos países menos desenvolvidos, especialmente no Brasil, estas questões são vistas por muitos com profunda suspeita. Os problemas da elevada fecundidade não são reconhecidos como suficientemente sérios e prioritários para receberem atenção preferencial dos governos e das universidades. Sua dimensão política é propositadamente distorcida pela ênfase dada aos componentes ideológicos, e seus aspectos econômicos, sociais e humanos são postos fora de perspectiva por argumentos emocionais e pouco construtivos.

A Conferência realizada em Bucareste, em agosto de 1974, sob os auspícios das Nações Unidas constituiu importante forum mundial para amplo debate dos problemas decorrentes do rápido crescimento demográfico. Como trabalho prévio, quatro simpósios técnicos foram realizados, bem como conferências regionais, nos vários continentes, além de grande número de seminários, "workshops" e mesas redondas, reunindo técnicos para o estudo dos problemas da dinâmica populacional.

Recentemente o Programa de Comunicação Interdisciplinar, do "Smithsonian Institution", dos Estados Unidos, reuniu vinte demógrafos, sociólogos, antropólogos, psicólogos, cientistas políticos, analistas sociais e economistas para estudar, durante três dias, as "determinantes econômicas e não-econômicas da fecundidade". A reunião, de que o autor participou, foi extremamente rica em contribuições para a compreensão das questões relacionadas com a dinâmica demográfica.

Entre muitas outras, duas teses mereceram especial atenção. Uma poderia chamar-se tese "desenvolvimentista" da regulação da fecundidade, que postula ser a redução da taxa de crescimento demográfico função do desenvolvimento econômico e da consequente urbanização e modernização da sociedade. Esta tese é fatalista e encontra suas raízes históricas na noção de "transição demográfica", por que passaram os países industrializados. Pareceria justificar uma política demográfica de "laissez faire", pela qual as forças que determinam as variáveis do crescimento populacional e do futuro tamanho da população seriam deixadas a seu próprio dinamismo.

A outra tese, embora reconhecendo a importância do desenvolvimento para a redução da fecundidade, advoga abreviação da transição demográfica (isto é, do processo secular pelo qual uma nação passa de altas taxas de natalidade e altas taxas de mortalidade, para baixas taxas de natalidade e de mortalidade) e redução do crescimento demográfico, pelo oferecimento de informação e serviços aos casais que desejam planejar suas famílias, determinar o intervalo entre o nascimento dos filhos e decidir o tamanho da prole.

Uma análise empírica da relação entre desenvolvimento econômico, medido pelo Produto Nacional Bruto (PNB) per capita (aqui referido como renda per capita) e níveis de fecundidade, (a fecundidade é aqui estimada como o número de nascimentos por ano, por mil habitantes), permite dividir os países do mundo em três grandes grupos:

a) 30 países de baixa fecundidade (menos de 20 nascimentos, por ano, por mil habitantes), cuja renda per capita anual é superior ao equivalente a US\$ 2.000. Tais países industrializados têm cerca de um bilhão de habitantes ou seja, aproximadamente, um quarto da população do globo terrestre.

b) Cerca de 25 países formam o grupo de fecundidade média (21-35 nascimentos por ano, por mil habitantes), tendo uma renda per capita anual de mais de US\$ 1.000, cuja população total é também da ordem de um bilhão de seres humanos. Neste grupo inclui-se a China pelo critério de fecundidade (30%), mas não pela renda per capita, que não atinge a US\$ 200. Na verdade, os países de fecundidade média (afora a China) são países pequenos, cuja população total não excede 5% da população mundial.

c) Mais de cem países, cuja fertilidade excede 35 por mil, com renda per capita inferior a US\$ 1.000 por ano, e que formam um grupo com mais da metade da população da terra. Assim, a correlação entre fecundidade e produto nacional bruto parece claramente estabelecida. Os países com baixa fecundidade têm elevada renda per capita, enquanto os países que têm baixa renda per capita apresentam altos níveis de fecundidade.

Uma análise mais profunda mostra que esta classificação esquemática comporta considerável variação de renda entre países com idênticos níveis de fecundidade. Outras considerações econômicas importantes, como tamanho do país, tamanho da população, densidade demográfica e disponibilidade de recursos naturais parecem não afetar os níveis de fecundidade. Vejamos num grupo de cinco países, arbitrariamente escolhidos em função da fecundidade, como se comportam as demais variáveis.

TABELA 1

País	População Total (1) (milhões)	Fecundidade (2)	P.N.B. Per capita (1) US\$
Estados Unidos	210	15,6	5.000
Canadá	22	15,7	3.700
Austrália	13	20,5	2.800
Japão	107	19	2.000
União Soviética	250	17,8	1.800

Fonte: Population Reference Bureau.

Notas: (1) Últimos dados disponíveis.

(2) Nascimentos por 1.000 habitantes, por ano.

Este agrupamento mostra que têm idêntica fecundidade países com características dispare, apesar de que todos são altamente industrializados e ricos. Os Estados Unidos e o Canadá apresentam o mesmo nível de fecundidade, embora a população canadense represente pouco mais de dez por cento da americana. Por outro lado, o Canadá tem área territorial pouco menor que a dos Estados Unidos, sendo um país rico em recursos naturais e com baixíssima densidade demográfica.

Conta o Canadá com imensos espaços vazios, que poderiam receber milhões de habitantes, mas mesmo assim sua fecundidade é inferior à do Japão, que tem elevada densidade demográfica e é país pobre em recursos naturais.

A Austrália é rica em recursos naturais, tem baixa densidade demográfica e uma população total de 13 milhões, que representa

menos de dois por cento do seu gigantesco vizinho do norte, a República Popular da China. Sem embargo, a fecundidade australiana situa-se entre as mais baixas do mundo. A União Soviética, com seus recursos naturais e sua grande base territorial, que a torna o maior país do mundo, em área, e o terceiro em população, tem níveis de fecundidade comparáveis aos dos demais países altamente industrializados.

A principal conclusão que se pode tirar da análise comparativa destes países é que o indicador para o qual convergem é a fecundidade (variação de 31%), verificando-se apreciável disparidade de renda nos extremos de US\$ 5.000, para os Estados Unidos, e US\$ 1.800, para a União Soviética (2,5:1), e disparidade mais acentuada em densidade demográfica, população total e outros indicadores.

O segundo grupo compreende países da Europa Meridional, cuja fecundidade é surpreendentemente baixa em relação à sua renda per capita.

TABELA 2

País	População Total (1) (milhões)	Fecundidade (2)	P. N. B. Per capita (1) US\$
Itália	55	16,8	1.800
Grécia	9	15,9	1.100
Espanha	34	19,4	1.100
Portugal	10	21,3	700
Iugoslávia	21	18,2	650

Fonte: Population Reference Bureau.

Notas: (1) Últimos dados disponíveis.

(2) Nascimentos por 1.000 habitantes, por ano.

A fecundidade nos países deste grupo é muito similar à do grupo anterior, embora a renda per capita dos Estados Unidos, por exemplo, seja quase oito vezes superior à da Iugoslávia. A fecundidade neste último país é apenas 20% superior à dos Estados Unidos, o que mostra ser a correlação entre renda per capita e fecundidade indicador de importância relativa.

A baixa fecundidade em Portugal é surpreendente, não só em virtude de sua baixa renda per capita, como também porque se trata de país predominantemente católico, conservador e relativamente pouco modernizado. Em relação ao Brasil, por exemplo, a fecundidade em Portugal é pouco mais da metade da nossa, embora sua renda per capita seja apenas 20% superior.

Reunem-se nesse grupo alguns dos países menos desenvolvidos da Europa, três dos quais são basicamente católicos e um é socialista. A renda per capita varia consideravelmente mais do que a fecundidade. São países em que a pressão demográfica tem causado migração para a Europa Ocidental e Escandinávia, o que pode explicar, em parte, sua baixa fecundidade. Esta, porém, não difere muito dos níveis de fecundidade dos países mais industrializados do mundo.

O terceiro agrupamento reúne países de alta fecundidade e com grande variação dos níveis de renda per capita.

TABELA 3

País	População Total (1) (milhões)	Fecundidade (2)	P. N. B. Per capita (1) US\$
Venezuela	12	41	1.000
México	56	43	700
Brasil	102	38	500
El Salvador	4	42	300
Índia	600	42	110

Fonte: Population Reference Bureau.

Notas: (1) Últimos dados disponíveis.

(2) Nascimentos por 1.000 habitantes, por ano.

Como na análise precedente, o indicador de menor variação é a fecundidade. O agrupamento reúne países como o pequeníssimo e superovoado El Salvador, cuja fecundidade é idêntica à da Índia, com 600 milhões de habitantes. Por outro lado, a fecundidade da Venezuela, cuja renda per capita é da ordem de US\$ 1.000 por ano, e que tem imensos recursos naturais e baixa densidade demográfica, é idêntica à daqueles dois países.

A fecundidade no Brasil começou a declinar em meados da década passada, mas ainda se inscreve entre as mais altas do mundo. O Governo mexicano modificou drasticamente sua política pró-natalista, adotando amplo programa de planejamento familiar, além de criar um Conselho de População, a nível ministerial, com o objetivo de assessorar o Presidente da República em questões relacionadas com o controle da fecundidade. Embora o México tenha a mesma renda per capita de Portugal, por exemplo, sua fecundidade é mais do dobro.

Finalmente, organizamos um agrupamento de países de fecundidade média, nos quais estão sendo executados programas de planejamento familiar.

TABELA 4

País	População Total (1) (milhões)	Fecundidade (2)	P.N.B. Per capita (1) US\$
Hong-Kong	4,5	20	1.000
Singapura	2,3	23	900
Formosa	15,0	27	250
Coreia do Sul	35,0	31	250
China	800,0	30	160

Fonte: Population Reference Bureau.

Notas: (1) Últimos dados disponíveis.

(2) Nascimentos por 1.000 habitantes, por ano.

Os níveis de fecundidade são idênticos em países como a China, com 800 milhões de habitantes, e a Coreia do Sul, que tem apenas 35 milhões, ou Formosa, cuja população é de 15 milhões. O diferencial de renda no grupo, é de 6 para 1, e de 1,5 para 1 em fecundidade.

A discussão precedente mostra que países muito diferentes no que toca à renda per capita, dotação de recursos, densidade demográfica e tamanho de população podem apresentar níveis de fecundidade bem aproximados. Assim, embora todos os países de alta renda per capita tenham baixa fecundidade, algumas nações com níveis intermediários de renda também apresentam fecundidade reduzida. Por conseguinte, o argumento de que só a elevação da renda e modernização econômica e social criam as condições necessárias à redução da fecundidade não é confirmado pelos dados analisados. Como complemento de vigorosos planos de desenvolvimento, a exemplo do que o Brasil vem realizando nos últimos anos, é necessário que programas de Planejamento Familiar amplos sejam oferecidos a todos que desejarem determinar o tamanho de suas famílias, a fim de que níveis mais baixos de fecundidade sejam atingidos.

SUMMARY

The fast populational growth has been causing a large debate about the future of mankind, specially about the perspectives of economical development of the less developed countries.

In the developed countries such preoccupations has produced definite practical results whice In the less developed ones, specially in Brazil, the problems of raising prolificness are not recognized as sufficiently serious and priorities to have preferential attention of governments and universities.

The analysis introduced in this paper drives the author to conclude that even countries differing in points such as per capita income have low prolificness index, some others nations with average per capita income also present a similar index. Therefore the data under examination do not confirm the argument that only the raising of income and the social and economical modernization create the proper conditions. It is necessary to offer large programs of familiar planning to those interested in determining the size of their families, in order to reach lower levels of prolificness.

SUMÁRIO

O rápido crescimento populacional vem provocando amplo debate sobre o futuro da humanidade e, de maneira especial, sobre as perspectivas de desenvolvimento econômico dos países menos desenvolvidos.

Nos países desenvolvidos tais preocupações têm produzido resultados práticos tangíveis, enquanto que nos países menos desenvolvidos, especialmente no Brasil, os problemas da elevada fecundidade não são reconhecidos como suficientemente sérios e prioritários para receberem atenção preferencial dos governos e universidades.

A análise apresentada neste documento conduz o autor à conclusão de que países muito diferentes no que toca à renda per capita, dotação de recursos, densidade demográfica e tamanho de população podem apresentar níveis de fecundidade bem aproximados. Embora todos os países de alta renda per capita tenham baixa fecundidade, algumas nações com níveis intermediários de renda também apresentam fecundidade reduzida. Os dados examinados, portanto, não confirmam o argumento de que só a elevação da renda e modernização econômica e social criam as condições necessárias. É necessário que amplos programas de planejamento familiar sejam oferecidos a todos que desejarem determinar o tamanho de suas famílias, a fim de que níveis mais baixos de fecundidade sejam atingidos.